



B2-350 Arte e vida na chapada do apodi: uma experiência de mediação artística e cultural

Leão, Fernando¹; Rigotto, Raquel²; Rocha, Mayara³; Ziegler, Henrique⁴.

1 Núcleo Tramas/UFC, leaomusic@gmail.com; 2 Núcleo Tramas/UFC, ntramas.ufc@gmail.com; 3 Núcleo Tramas/UFC, mayaramelorochoa@gmail.com; 4 Núcleo Tramas/UFC, henriquezie@gmail.com.

Resumen

Esta experiência de mediação artística e cultural foi realizada na Chapada do Apodi, Ceará, território em conflitos socioambiental devido à expansão do agronegócio na região. A atividade, realizada no ano de 2014, tinha por objetivo favorecer o fortalecimento comunitário a partir do desenvolvimento de uma consciência estética crítica, e contou com uma série de programas culturais, atividades de formação em arte/educação e ações de valorização da cultura local. Entre os principais resultados, estão o acesso a bens artístico-culturais em sua diversidade de linguagens e a promoção de diálogos interculturais entre educadores, artistas e moradores, instigando reflexões sobre modos de viver.

Palabras claves: Cultura popular; Arte em comunidade; Emancipação social.

Descripción de la experiencia

De acordo com RIGOTTO (2011), em meados da década de 1980, o governo federal, por meio do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), iniciou o processo de implantação do Perímetro Irrigado Jaguaribe-Apodi no Baixo-Jaguaribe cearense. A iniciativa que em primeiro momento parecia aos pequenos agricultores o sonho da melhoria das condições de vida, por meio do acesso à água, se transformou em pesadelo com a chegada de empresas nacionais e transnacionais do agronegócio, e com a realidade de expropriações, relações precarizadas de trabalho, contaminação da água e do solo, intoxicações e doenças, violência.

Passadas quase três décadas, os problemas não só não foram superados, como se ampliaram em número e intensidade. Entre os casos de maior repercussão – porém, longe de ser o único – está o assassinato do agricultor e ambientalista Zé Maria do Tomé, morto em 21 de abril de 2010 após dedicar vários anos de sua vida à denúncia do uso indiscriminado de agrotóxicos na região.

Assim, partindo do desejo de contribuir com as lutas daquelas pessoas e da demanda coletiva apresentada por parceiros que atuam e moram naquele território, resolvemos, no início do ano de 2014, iniciar uma pesquisa-ação no campo da cultura com o intuito de favorecer o fortalecimento comunitário. Primeiramente, havíamos imaginado uma atividade realizada apenas com jovens, baseada no método do Teatro do Oprimido. Era patente a falta de engajamento da juventude nos espaços políticos e uma ação envolvendo teatro poderia estimular a sua mobilização para as lutas das comunidades. Posteriormente, a inserção no território e o diálogo com moradores nos levaram a rever o projeto e assumir novos rumos para a ação.

A experiência em mediação artística e cultural na Chapada do Apodi, Ceará, foi realizada entre os meses de fevereiro e dezembro de 2014.



Iniciamos nossa ação no território pela investigação de temas geradores, em conjunto com a comunidade, a partir de observações, conversas informais e grupos focais com professoras da educação básica do ensino de artes. No decorrer do processo, um grupo formado por sujeitos da universidade e da comunidade foi sendo constituído com a função de construir coletivamente a ação. Este grupo foi denominado de Grupo Pesquisa e contou basicamente com quatro integrantes: um pesquisador acadêmico, uma gestora de uma escola da região, uma integrante da associação comunitária e uma poetisa da comunidade. Em momentos de avaliação do projeto, bem como durante as ações, o Grupo se ampliava, contando com dez pessoas.

De acordo com Thiollent (2005), a pesquisa-ação “encontra contexto favorável quando os pesquisadores (...) querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a dizer e a fazer” (p. 18). Nesse sentido, assumimos o método da pesquisa-ação pelo fato de termos a clareza de que não só queríamos levantar dados, mas interviremos em uma realidade problemática.

O Grupo Pesquisa pensou o projeto de mediação artística e cultural ao considerar a importância do acesso aos bens culturais; a necessidade de promover momentos de reflexão acerca de si e do mundo; a relevância de realizar atividades que tivessem objetivo de estimular o impulso criador; a emergência de valorizar as produções artísticas e culturais locais.

As apresentações artísticas foram organizadas em seis programações culturais, ou “noites culturais”, na Praça da igreja matriz da comunidade do Tomé, nos meses de março, maio, agosto, setembro e dezembro de 2014, a partir da articulação do Grupo Pesquisa com artistas e arte/educadores da região metropolitana de Fortaleza e do Baixo-Jaguaribe. As atividades de arte/educação com crianças e adolescentes foram ministradas no mês de agosto, com a participação de estudantes do curso de licenciatura em teatro do Instituto Federal do Ceará (IFCE). A formação em contação de histórias para profissionais da educação também foi realizada em agosto, conduzida por uma profissional convidada e um pesquisador. As ações de valorização da cultura local, em forma de registro de poemas e dramas (narrativas cantadas) e apresentações artísticas de moradores da região, foram realizadas em todos os meses que contaram com programações culturais. A exposição fotográfica foi montada no mês de dezembro, e ficou aberta à visitação durante a programação cultural que encerrou o projeto.



FIGURA 1. Programação cultural na comunidade do Tomé, realizada em 26/09/2014. Foto: Fernando Leão.

No total, a mediação artística e cultural contou com 25 apresentações artísticas, abrangendo público superior a 1.000 pessoas e 100 artistas; 03 oficinas de arte/educação para crianças e adolescentes, com 150 participantes e 13 arte/educadores; 01 atividade de formação em contação de histórias para profissionais da educação, envolvendo 38 professores com atuação na região e 02 formadores; 01 exposição de fotografias com as imagens das programações culturais realizadas, com visita média de 150 pessoas.

Resultados y Análisis

Para Santos (1991), “o conhecimento-emancipação é uma trajetória ou progressão entre um estado de ignorância, que designo por colonialismo, e um estado de saber, que designo por solidariedade” (p. 9). Nossa pesquisa-ação, claramente ação cultural e política, tentando fortalecer, entre outros aspectos, a identidade coletiva e a comunhão entre os moradores – expressões que são da solidariedade comunitária – possibilitou às comunidades da Chapada do Apodi – no curto período de 10 meses – acesso a expressões artísticas em linguagens como a do teatro, da música, da *performance*, da literatura; promoveu diálogos entre as representações do que foi apresentado e as representações do público a que se destinou, a partir de técnicas de mediação, incluindo observações, comparações, questionamentos; apresentou informações com conteúdos da arte e da educação; valorizou e estimulou produções artístico-culturais locais; oportunizou momentos de entretenimento, lazer e alegria. Porque, como diz Freire (2001),

Essa educação para a liberdade, essa educação ligada aos direitos humanos nesta perspectiva, tem que ser abrangente, totalizante;



elatem que ver com o conhecimento crítico do real e com a alegria de viver. E não apenas com a rigorosidade da análise de como a sociedade se move, se

mexe, caminha, mas tem a ver também com a festa que é vida mesma. (p. 102)

Para nós, inspirados pela Pedagogia do Território, reconhecemos que cada ação de inserção representa “um chão integrador de processos de produção de conhecimento e de aprendizagem” (RIGOTTO; ROCHA, 2014); realizarmos essa pesquisa-ação e podermos estar na comunidade, abandonando a postura cômoda do já conhecido para partilhar de outros modos de vida; experimentarmos a função social da ciência, reconhecendo as demandas das comunidades e tornando-as parceiras de construção do saber; termos a possibilidade de enriquecer nossas metodologias por meio de uma escuta sensível daqueles que realmente vivenciam e conhecem o problema; validarmos esse conhecimento em comunicações na própria comunidade, e não só na universidade; tudo isso nos dá força e esperança para seguir semeando novos espaços de criação e fruição de saber, reconhecendo o papel da arte nas lutas sociais e tendo clara a compreensão de seu potencial emancipatório.

Referencias bibliográficas

- FREIRE, P. Direitos humanos e educação libertadora. In: FREIRE, A. M. A. (org.) Pedagogia dos sonhos possíveis. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- RIGOTTO, R. (org.). Agrotóxicos, trabalho e saúde: vulnerabilidade e resistência no contexto da modernização agrícola no Baixo-Jaguaribe/CE. Fortaleza: Edições UFC, Co-edição Expressão Popular, 2011.
- RIGOTTO, R. M.; ROCHA M.M.. Da crítica à ciência moderna à construção de novas práxis acadêmicas: a Pedagogia do Território e a Ecologia de Saberes. In Anais do Colóquio internacional Epistemologias do Sul: Aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul. Coimbra: Centro de Estudos Sociais (CES), 2014.
- SANTOS, B. de S.. A transição paradigmática: da regulação à emancipação. Coimbra: Oficina do Centro de Estudos Sociais (CES), 1991.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 14ª Ed.. São Paulo: Cortez Editora. 2005.